

OS LOUCOS ANOS 20: TULSA E A GUERRA RACIAL

THE ROARING TWENTIES: TULSA AND RACE

César Alexandre da Silva Aprile¹

RESUMO: Este artigo buscou analisar “O Massacre de Tulsa”, destacando a Ku Klux Klan como objeto de pesquisa, no desenvolvimento da “Guerra Racial”, que se intensificou nas primeiras décadas do século XX nos Estados Unidos, a partir do legado material do ativista Malcolm X e, conseqüentemente, do Partido dos Panteras Negras para Autodefesa.

Palavras-chave: Tulsa. Klan. Massacre. Guerra;

ABSTRACT: This article sought to analyze "The Tulsa Massacre", highlighting the Ku Klux Klan as an object of research, in the development of the "Racial War", which intensified in the first decades of the 20th century in the United States, from the material legacy of the activist Malcolm X and consequently the Black Panther Party for Self-Defense.

473

Keywords: Tulsa. Klan. Massacre. War.

INTRODUÇÃO

Após a vitória da Tríplice Entente na Primeira Guerra Mundial e o sucesso estrondoso dos Estados Unidos na guerra, catapultou a imagem e a economia dos norte-americanos como nunca visto, este evento acentuou a sua posição hegemônica internacionalmente, sendo o principal país responsável pela reconstrução da Europa.

Com um crescimento nacional jamais visto, os Estados Unidos passaram a viver até então o melhor período de sua história, que ficou conhecido como Roaring Twenties (Loucos Anos Vinte). Este período ficou marcado também pelo American Way of Life, onde os norte-americanos puderam aproveitar um momento de avanço do consumo de mercadorias.

Neste contexto de “prosperidade” interna, alavancou a Ku Klux Klan a um nível jamais visto, já que ela havia renascida em 1915 após o sucesso cinematográfico do filme “O Nascimento

¹Pós-Graduação Lato Sensu em Psicopedagogia em andamento – UNICID. Formado em História Licenciatura pela Universidade Cidade de São Paulo (UNICID).

de uma Nação” do cineasta D.W. Griffith que adaptou o livro de Thomas Dixon “The Klansman”, onde ambas as obras romantizaram a origem da Klan e que recebeu apoio incondicional de diversas personalidades importantíssimas da época, que simpatizavam com a organização, como foi o caso do 28º presidente dos Estados Unidos Woodrow Wilson.

Todavia, uma nação que se dizia tão “próspera”, ainda detinham uma política rígida da chamada “Era Jim Crow”, pautada no lema “Separados, mas iguais”, que mantinha um segregacionismo fervoroso entre brancos e negros, onde obviamente os afro-americanos eram os mais prejudicados, mas diante do auge da Ku Klux Klan, onde detinham cerca de 6 milhões de membros (Cerca de 6% da População dos EUA da época), escalariam os conflitos étnicos que já ocorriam desde o fim da Guerra de Secessão, a um nível jamais visto, em um cenário da qual pode ser classificada como uma “Guerra Racial” e o “Massacre de Tulsa” é um dos se não o pior, evento deste conflito.

DISCUSSÃO

A *Ku Klux Klan* é uma organização complexa ela foi “oficialmente” fundada no dia 24 de dezembro de 1865 por seis veteranos do exército confederado (Capitão John C. Lester, Capitão John B. Kennedy, Capitão James R. Crowe, Frank O. McCord, Richard R. Reed e J. Calvin Jones.) onde decidiram criar uma organização que travaria uma guerra clandestina contra o norte.

A organização inicialmente não tinha um objetivo claro, foi somente após a convenção de Nashville (Primavera de 1867), que a Klan resolveu inúmeros problemas internos e externos, criando uma rede de comando, decidindo quais seriam seus principais objetivos. O escritor Richard E. Baudouin explica como foi formada a filosofia que faria a Klan tomar outro rumo:

Todas as táticas agora familiares do Klan datam deste período: as ameaças direcionadas a negros, radicais e outros inimigos, alertando-os para deixar a cidade; os ataques noturnos contra indivíduos que foram escolhidos para tratamento mais violento; e as manifestações em massa de homens mascarados e vestidos da Klan, projetadas para lançar sua longa sombra de medo sobre a comunidade problemática. (BAUDOUIN, p.14)

Todavia, vale destacar que a Ku Klux Klan na primeira fase era extremamente sigilosa, somente anos mais tarde por meio do chamado “Manual do Klansman”, que foi possível ter acesso a essa “reestruturação”, porém podemos resumir estes “objetivos” a partir da seguinte passagem a partir da edição do manual de 1925:

Este é o seu objetivo principal: Unir pessoas brancas do sexo masculino, nativos, cidadãos gentios dos Estados Unidos da América, que não devem lealdade de qualquer natureza ou grau a qualquer governo estrangeiro, nação, instituição, seita, governante, pessoa, ou pessoas; cuja moral é boa; cuja reputação e vocação são respeitáveis; cujos hábitos são exemplares; que são de mente sã e dezoito anos ou mais de idade, sob um juramento comum a uma irmandade de regulamentos estritos.

Fica nítido que o fanatismo de um membro da Klan, não se resumia a mera supremacia branca, mas a supremacia da WASP (White; Anglo-Saxon; Protestant), o que realmente tornava um cidadão dos Estados Unidos, sendo os demais os inimigos da organização.

Nos anos de 1867 e 1868, a Klan estava tendo um grande crescimento, a medida que a violência também se intensificava, fez com que as autoridades do Norte(União) na era da Grande Reconstrução, comesse a retaliar a organização combatendo-a como se fosse um grupo criminoso e no fim de 68, a Klan perdeu total controle de suas células, fazendo com que o mago imperial Nathan Bedford Forrest anunciasse a dissolução da organização. Porém, muitos membros continuaram atuando na ilegalidade formando organizações paralelas como a infâmia Liga Branca ou Legião Branca.

Em 1874, a Liga Branca surgiu como uma organização militar na Louisiana, a primeira Ku Klux Klan não existe mais, e seus membros são famosos porque muitos deles desempenharam papéis no massacre de Colfax, e alguns veteranos do CSA(Confederate States of America). O primeiro ato da coalizão foi o linchamento da professora negra Julia Hayden.

Embora ainda existissem aqueles que se denominavam “Klansman”, a organização oficialmente, foi dissolvida por Forrest e só retornaria em 1915 com o filme “O Nascimento de Uma Nação”, de D.W. Griffith, que despertou em muitos norte-americanos como William J. Simmons, que teve apoio da Assembleia Legislativa do Sul, no 4 de dezembro de 1915, garantindo a Klan o direito à existência legal usando os mesmos atributos, rituais, tradições e etc, marcando o retorno oficialmente da Segunda Fase e a mais forte da história da Ku Klux Klan.

Vale ressaltar que a Klan “renasceu”, no período da Primeira Guerra Mundial que tiveram os Estados Unidos, como um participante ilustre ao lado da Tríplice Entente, que garantiu aos estadunidenses o primeiro grande destaque em um conflito militar a nível internacional e tiveram também a missão de reconstruir a Europa.

Estes fatos fizeram com que os Estados Unidos fossem responsáveis pela produção de 42% de todo tipo de mercadoria a nível internacional, sendo também a maior credora, emprestando dinheiro para as nações que estavam se recuperando do Pós-Primeira Guerra.

Este período de euforia, fez com que a população consumisse mercadorias de forma extrema para poder sanar o seu estilo de vida, comprando artigos que até então não eram acessíveis a população até então, como o automóvel que graças a “Ford” conseguiu democratizar e popularizar os seus veículos em toda nação norte-americana

A Indústria Norte-Americana também crescia a passos largos, principalmente entre os anos de 1923 e 1929, onde se notava que a taxa de desemprego era apenas de 4%, com o número de indústrias aumentada em 10% e o faturamento comercial quintuplicou.

Diante deste otimismo na economia dos Estados Unidos, as pessoas começaram a investir de maneira intensa no mercado financeiro, disparando a especulação monetária, que eram feitas na Bolsa de Valores de Nova Iorque, com o objetivo de que as ações compradas fossem valorizadas e então revendidas para poder gerar lucro para o investidor

Porém, este consumo extremo estava estagnada na expansão de crédito, sem nenhum tipo de regulamentação ou intervenção do Estado e serviam para financiar diversas atividades econômicas, por exemplo a compra de um automóvel.

Vale destacar que os anos 20, eram essenciais para a luta das mulheres, pois é tido este período como a primeira onda do feminismo liberal nos Estados Unidos, na luta pelo sufrágio feminino, como potencializador a era pós-Primeira Guerra Mundial, onde a maioria dos homens se encontravam em guerra, deixando as mulheres com os serviços de manufaturas e outros setores da indústria da guerra, das quais no término da guerra, foram obrigadas a deixarem as fábricas e voltarem aos seus lares domésticos, algo que foi visto como um estopim para tomarem as ruas pela luta de seus direitos.

Este levante também se deu na comunidade afro-americana, onde muitos embora fossem parte de uma comunidade oprimida, não deixou de lutar por seu país na Primeira Guerra Mundial, mas em divisões exclusivas para negros e ao voltarem para os EUA, encaravam ainda a mesma realidade da “Era Jim Crow”, da qual mantinha o mesmo fervor político rigoroso do segregacionismo, só que no auge do American Way of Life, somado com o renascimento da Ku Klux Klan, tornaria os conflitos entre brancos e negros em um nível jamais visto na história contemporânea, uma verdadeira “Guerra Racial”.

O problema real sobre os conflitos entre os chamados “supremacistas brancos” e a comunidade negra dos Estados Unidos, neste período é que a denominação destes “embates”, não há um consenso, alguns denominam como “tumultos raciais”, outros generalizam por se tratar de um massacre. Porém, quando analisamos este contexto dos Estados Unidos na década

de 20/30, encontramos uma escala de um conflito da qual não pode somente ser limitado a um mero “conflito isolado étnico” ou uma pessoa ou grupo que incitou um “massacre”, já que segundo o dicionário do Cambridge a definição desta palavra propõe a seguinte condição: “Um massacre é a morte de um grande número de pessoas, especialmente aquelas que não estão envolvidas em nenhuma luta ou não têm como se defender.”

Todavia, ao analisarmos estes conflitos entre os supremacistas brancos e os afro-americanos, notamos que sempre estes dois estão sempre envolvidos em uma luta e ambos tem como se defender na maioria dos casos, já que definir os afro-americanos como “vítimas indefesas” é basicamente cuspir em toda luta deles em sua história, é basicamente colocá-los em um papel de submissão ao seu agressor(movimentos supremacistas brancos ou um autor supremacista branco), o que já demonstra que utilizar a terminologia “Massacre” para enquadrar estes conflitos é sem qualquer fundamento etimológico e muito menos praxiológico.

Na história da Ku Klux Klan, assim como nos Estados Unidos como um todo, houve muitos eventos relacionados a confrontos ferozes por motivos raciais. Mas houve um incidente que começou em 30 de maio de 1921, que se destaca dos demais.

Na primavera em 1921, em Tulsa, Oklahoma, um negro de 19 anos, Dick Rowland, sapateiro, insultou Sarah Page, de 17 anos. Algumas fontes indicam que Rowland teria causado um pequeno incidente, como tropeçando na menina, ou que talvez eles fossem amantes e tiveram uma briga no elevador, está segunda hipótese é sustentada pois os dois provavelmente se conheciam pelo menos de vista, já que o edifício exclusivo para brancos, era o único na região, onde Rowland pudesse usar um banheiro, já que ele trabalha como engraxate nas redondezas e Page era a operadora do elevador.

Um funcionário vendo que Page estava ansiosa e descontrolada, pensou que Rowland, tivesse cometido algo contra a jovem, ligando para a polícia, que agiram de imediato contra ele. No dia seguinte, a história foi divulgada pela imprensa, que publicou detalhes de como um negro que “sucumbiu aos instintos animais” atacando uma garota branca, uma atitude típica de um contexto social puramente racista, onde o negro sempre era considerado um criminoso violento.

A seguir, veremos uma passagem de um dos artigos de jornais locais que ajudou a aumentar as tensões raciais na cidade de Greenwood:

Trecho da Notícia sobre a prisão de Dick Rowland



Foto Domínio Público

478

A notícia intitulada “Negro é preso por Atacar Garota no Elevador”, se utiliza de elementos sensacionalistas, para gerar um impacto efetivo na população local, afirmando que a menina teria dito que Dick tentou roubá-la, além de ter arranhado ela e rasgado suas roupas, mas que o afro-americano negou tudo.

Os membros da Ku Klux Klan souberam de tudo e rapidamente correram para o local da prisão de Rowland para extrair dele todos os detalhes do que aconteceu de maneiras mais rudes e específicas (Uso de tortura e provavelmente do famoso linchamento, uma prática frequente da Klan).

Todavia, os afro-americanos também se mobilizaram em relação a prisão de Rowland, cerca de 85 negros se aproximaram da prisão. Entre eles estavam muitos participantes da Primeira Guerra Mundial, que chegaram ao confronto com armas.

Os afro-americanos veteranos, temiam que a polícia pudesse extraditar Rowland para os membros da Klan, já que muitos agentes neste período eram membro da KKK, então foram lá garantir a proteção de Rowland.

A Polícia se recusou em entregar Rowland para a Klan e até houve uma tentativa de pacificar a tensão entre os membros da Ku Klux Klan e dos afro-americanos, mas acabou ocorrendo um conflito entre os dois grupos, após a tentativa dos negros em tirar Rowland da cadeia, que resultou em um tiroteio deixando 10 brancos e 2 negros mortos.

Em retaliação, os membros da Ku Klux Klan anunciaram uma mobilização geral. Milhares responderam ao seu chamado, apesar do fato de que a população de Tulsa naquela época era de cerca de 75 mil pessoas.

Na manhã de 1º de junho de 1921, os Cavaleiros Brancos e seus apoiadores marcharam na área de Greenwood, onde vivem muitos negros. Greenwood era o bairro negro mais rico dos EUA, com um monte de hospitais negros, locais de entretenimento, casas bonitas, etc. etc. Por isso, ele foi apelidado de “Black Wall Street”. Muitos viviam em casas muito decentes com carros e até armas. Ao ver um grande grupo de brancos, os moradores da área sacaram suas armas.



Distrito de Greenwood

Foto Domínio Público

Nos primeiros momentos do conflito, a Klan encontrou uma resistência bastante forte dos negros, que antes disso cuidadosamente barricaram casas e ruas, transformando a área em uma verdadeira fortaleza.

Porém o conflito não se limitou apenas a Greenwood e muito menos a um conflito terrestre, a Klan se utilizou de vários biplanos esportivos Curtiss JN-4 de dois lugares do aeródromo local e reforçando-os com vários requisitos semelhantes aos biplanos postais, os membros da Klan criaram um esquadrão de voo improvisado. No total, havia de 8 a 12 unidades de equipamentos de voo, carregados com projéteis incendiários caseiros, além de dinamite.

Greenwood em chamas por conta dos bombardeios.



Foto Domínio Público

A Klan Squadron lançou um ataque em Greenwood às 9:00 da manhã e lançou misturas incendiárias na área, fazendo chover fogo do inferno. Os bombeiros não chegaram para ajudar os negros e a área começou a queimar, em um cenário comparado a uma batalha da Primeira Guerra Mundial.

Três horas depois do início do bombardeio, uma unidade da Guarda Nacional chegou à cidade e chamou o xerife local, que percebeu que não conseguiria lidar com isso. O número de guardas foram de 110. Eles até carregavam metralhadoras com eles. Mas muitos membros da Klan armados e seus apoiadores repeliram os soldados da Guarda Nacional do conflito, o

máximo que os militares conseguiram fazer foi cavar trincheiras perto dos principais edifícios públicos da cidade, Greenwood e das zonas de guerra.

Aos poucos, o conflito começou a apaziguar enquanto entardecia. As pessoas da área fugiram para longe ou se renderam à Guarda Nacional. O número oficial de mortos foi de 36. Todavia o número de mortos é tema de debate até os dias de hoje, mas o número preciso hoje de baixas soma mais de 350, sendo pelo menos 50 brancos. Cerca de 800 pessoas ficaram feridas. E o número de casas queimadas chegou a 1256 (residenciais e comerciais). As perdas somaram mais de US\$ 2 milhões (US\$ 31 milhões em 2020).

Ou seja, ao vermos que este conflito entre os dois grupos étnicos, já deixa bem claro que um “massacre”, está fora de questão e limitar o confronto que estava para ocorrer em uma “tensão racial”, é meramente insano, já que a cidade inteira foi palco de um conflito onde até mesmo a Guarda Nacional, teve dificuldade de lidar e a Klan tinha literalmente uma força aérea que infernizou os céus de Greenwood e regiões vizinhas, naquele dia.

Infelizmente Tulsa foi palco de outros conflitos ao longo da história entre brancos e negros, porém, foi somente nos anos 90 que a sua história começou a ser debatida academicamente de forma fervorosa e a importância dela na história dos Estados Unidos, sendo que em 2021 o presidente Joe Biden prestou homenagem as vítimas deste triste evento e afirmou que há pouco empenho histórico em tentar reparar este legado de sangue.

Greenwood em ruínas.



Foto Domínio Público

Este cenário caótico, era a vida de um afro-americano, onde nem mesmo os mais ricos estavam imunes ao ódio da supremacia da WASP e da Klan, que tornou o dia 1º de Junho de 1921 uma das datas mais traumáticas da história negra.

“Nosso país pode esquecer essa história, mas eu e os demais sobreviventes nunca poderemos”, disse Viola Fletcher, de 107 anos, a testemunha mais velha do episódio de Tulsa, uma das muitas vítimas da “Guerra Racial”, que se estendeu por décadas, das quais muitos outros como Fletcher, foram vítimas da opressão da supremacia branca e da Klan, somada a negligência do governo norte-americano e da violência policial, que tornou a vida dos afro-americanos preocupantes.

Grandes homens como foi Malcolm X, é o exemplo máximo da Guerra Racial nos Estados Unidos, onde muitos negros já traumatizados não buscavam mais a integração na sociedade norte-americana, mas sim uma separação total, diferente da segregação que garantia privilégios aos brancos, deixando os negros em uma situação fragilizada e neste contexto, Malcolm X e outros da Nação do Islã, defendiam fervorosamente que não deveria haver um: “Separados, mas iguais”, mas sim que negros e brancos eram diferentes e não havia conciliação entre os dois grupos, que deveria existir uma nação para cada grupo étnico, só assim está guerra terminaria.

Malcolm X, embora não tenha deixado nenhuma fonte escrita além de uma autobiografia, legou diversos discursos, além de testemunhas oculares que provam exatamente este ponto. No discurso intitulado “Black Nationalism can set us free.”² de 10 minutos e 42 segundos Malcolm X faz a seguinte afirmação:

Eu não sou um republicano nem um democrata, nem um americano, e tenho bom senso o suficiente para saber disso. Eu sou uma das 22 milhões de vítimas negras dos democratas, e uma das 22 milhões de vítimas negras dos republicanos, e uma das os 22 milhões de vítimas negras do americanismo... Você e eu nunca vimos Democracia, tudo o que vimos é hipocrisia... Se você for para a cadeia, e daí... Se você é negro, você nasceu na cadeia. Se você é negro, você nasceu na prisão, tanto no norte quanto no sul. Pare de falar sobre o sul. Enquanto você estiver ao sul da fronteira canadense, você é o sul. (MALCOLM X)

No trecho e no seu discurso completo fica nítido de que os afro-americanos foram vítimas da colonização, sendo tirados de suas terras contra sua vontade e escravizado, que eles agora são alvos dos democratas, dos republicanos e principalmente do americanismo e que um negro de verdade nunca foi e nunca será, americano.

²<https://www.marxists.org/reference/archive/malcolm-x/we-have-no-freedom.mp3>

Os ensinamentos de Malcolm X eram bem polêmicos, sendo até mesmo chamado de “racista”, em uma ocasião especial ele proferiu um discurso sobre isso intitulado “Racist in Reverse?”³ de 9 minutos, onde ele diz:

Irmãos e irmãs, se você e eu apenas percebêssemos, que uma vez que aprendemos a falar a língua que eles entendem, eles então entenda a ideia. Você nunca pode alcançar um homem se não falar a língua dele. Se um homem fala a linguagem da força bruta, você não pode ir até ele com paz. Por que boa noite! Ele vai quebrar você em dois, como tem feito o tempo todo. Se um homem fala francês, você não pode falar com ele em alemão. Se ele fala suaili, você não pode se comunicar com ele em chinês. Você tem que descobrir, o que esse homem fala? Depois de conhecer a língua dele, aprenda a falar a língua dele. Ele vai entender, haverá algum diálogo, alguma comunicação, e algum entendimento será desenvolvido. Você está neste país há tempo suficiente para conhecer a língua que a Klan fala, eles só conhecem uma língua. O que você e eu temos que começar a fazer em 1965, quero dizer, é isso que você tem que fazer porque a maioria de nós já está fazendo isso, é começar a aprender um novo idioma. Aprenda o idioma que eles entendem e, quando eles vierem à nossa porta para conversar, podemos conversar. (MALCOLM X)

Logo fica claro que Malcolm X explica que naquele contexto de uma “Guerra Racial”, o afro-americano não poderia lidar com a opressão de uma maneira pacífica, pois ele seria linchado da pior forma, infelizmente em uma realidade onde supremacistas brancos bombardeiam bairros negros, não há espaço para diálogo, apenas a autodefesa é uma solução.

Malcolm X, ainda se envolveu em uma história polêmica onde ele e seu amigo Jeremiah X, enviados pela Nação do Islã, com o objetivo de negociar com a Ku Klux Klan, na luta contra a integração dos afro-americanos, buscando a separação total entre os dois grupos.

Na conversa com o klansman WS Fellows e outros membros da Klan, exagerou em sua insinuação sobre a separação étnica, ele não queria uma segregação, mas sim uma separação total entre os dois povos, para que não houvesse mais conflitos desnecessários, mesmo sabendo que a realidade que viviam, um conflito entre brancos e negros era inevitável.

Os Klansmans acenaram positivamente ao pedido de Malcolm, com Fellow dizendo: “Tudo o que vocês querem, está tudo bem. Chame como quiser. Contanto que você fique por lá e esteja feliz por ser preto, ótimo. Nós apenas desejamos que todos os negros fiquem felizes em ser negros”.

Logo, a necessidade de uma divisão étnica para muitos negros era uma vontade que estavam dispostos a morrerem por isso. A Nação do Islã, um dos grupos mais influentes desta época que tinha Malcolm X e o venerável Elijah Muhammad, eram os porta-vozes dos ideais do

³<https://www.marxists.org/reference/archive/malcolm-x/racist-in-reverse.mp3>

estado de guerra contra os brancos norte-americanos e conseqüentemente aos Estados Unidos, pela separação étnica.

Após a morte de Malcolm X, seu legado influenciou novas gerações de afro-americanos, como o Partido dos Panteras Negras para Autodefesa, apenas continuaram a luta contra a opressão norte-americana contra os negros.

O FBI comandado pelo diretor J. Edgar Hoover, criando um programa clandestino conhecido como: COINTELPRO (programa de contra inteligência) para romper a unidade em expansão de grupos revolucionários, passando a maior parte de seu tempo perseguindo líderes dos movimentos negros e seus métodos, nem um pouco legais iam desde roubos e invasões domiciliares, até incitação de violência e assassinatos, cometidos por agentes federais, das quais se tratavam de operações ilegais, durou de 1956 até 1971.

J. Edgar Hoover, foi um homem polêmico em seu tempo, tendo investigado diversas personalidades importantes como John Lennon e até mesmo sugerindo a partir da COINTELPRO, para que o ativista Dr. Martin Luther King Jr. cometesse suicídio. Para ele o Partido dos Panteras Negras era “a maior ameaça à segurança interna do país”, deixando bem claro o racismo explícito da qual perseguiu e assassinou diversos membros ilegalmente.

O FBI como dito, neste período se utilizavam das bases da ilegalidade para operarem contra os “inimigos do Estado”, que neste caso se tratava dos Panteras Negras, mas em Março de 1970 chegaram a um outro nível de combate, começando um programa para destruir internamente o partido, falsificando cartas aos membros, com um caso de que supostamente os Panteras Negras estavam criticando a liderança de Netwon e pedindo que Eldridge Cleaver assumisse o controle.

Cleaver acabou tomando atitudes totalmente imprudentes, que chegou a demonstrar desdém aos programas de café da manhã, chamando os de reformistas e exigindo que David Hilliard (chefe de gabinete) seja removido. Estas atitudes levaram a sua expulsão do Comitê Central, iniciando tempos depois seu próprio Exército de Libertação Negra.

Com tantas lutas e ódios internos, o Partido dos Panteras Negras estava sendo dilacerado, desiludindo diversos membros, incluindo grandes membros como Huey, que estava desistindo de liderar o partido, caindo no mundo das drogas, se tornando fortemente dependente de cocaína, heroína e outros. Sendo então assassinado no dia 22 de agosto de 1989, a tiros nas ruas de Oakland em uma disputa de drogas.

Em meio a este caos interno então Bobby Seale renuncia ao partido, deixando Elaine Brown no comando, dando continuidade aos programas comunitários. No início dos anos 80, após ataques ao partido e a degradação e divisões internas, fez com que o partido fosse destruído, com sua liderança esmagada e sua base aterrorizada pela polícia constantemente.

Agora o partido destruído, não existia mais uma vanguarda revolucionária que foi destruída por meio de ações ilegais do FBI e conflitos internos, que deixariam os jovens negros conscientizados, mas ser uma direção política para poderem fazer frente a opressão do governo reacionário burguês dos Estados Unidos, que caçou e matou os membros remanescentes do partido nos anos seguintes, terminando então a história da maior organização dos Estados Unidos que lutou verdadeiramente contra violência contra as minorias da nação.

A Lei de Direitos Civis de 1964 e a Lei dos Direitos ao Voto de 1965, ambas promovidas pelo presidente Lyndon B. Johnson, do Partido Democrata, foi a grande conquista dos negros após um século da Era Jim Crow e um número que jamais será possível estimar de afro-americanos que foram mortos, diretamente e indiretamente pela “Guerra Racial”, promovida por supremacistas brancos, com influência direta e indireta (Dependendo do contexto) do governo dos Estados Unidos, um legado de sangue, que jamais será apagado da história americana.

CONCLUSÃO

Embora os afro-americanos estivessem conseguindo finalmente nos anos 60 a integração na sociedade norte-americana, a violência e o racismo nunca cessaram, embora hoje não seja mais pragmático se utilizar do termo “Guerra Racial”, já que ela se enquadra especificamente na “Era Jim Crow”, ainda há vítimas do sistema que legou a violência da supremacia branca.

Embora hoje a Klan, não exista mais oficialmente, existem grupos supremacistas brancos até mais violentos como a Irmandade Ariana, que fazem inúmeras vítimas todos os anos, principalmente minorias étnicas como latinos e negros, e o caso mais recente do afro-americano George Floyd que foi morto durante uma abordagem policial, que retomou o debate sobre a violência do Estado contra os afro-americanos.

Batalha de Tulsa ou Massacre de Tulsa, é um dos episódios mais sombrios da Guerra Racial nos Estados Unidos da América e sua história jamais deve ser apagada, já que suas vítimas nunca esquecerão, grupos como a Ku Klu Klan, devem ser estudados e debatidos nos

meios acadêmicos, já que embora seja a maior organização supremacista branca que já existiu, ela é só uma de dezenas até centenas, de grupos que existem hoje que utilizam a supremacia étnica em seus crimes de ódio, entendê-los é entender todo o sofrimento causado por eles.

BIBLIOGRAFIA

BAUDOIN, Richard E. **Ku Klux Klan: a history of racism and violence**. Southern Poverty Law Center, 1997.

BRAUN, Julia. **“Joe Biden e o massacre de Tulsa: Resgate do passado”**. Veja, 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/joe-biden-e-o-massacre-de-tulsa-resgate-do-passado/> Acesso em: 19 de julho de 2022.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2013.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KU KLUX KLAN A REPORT TO THE ILLINOIS GENERAL ASSEMBLY. ILLINOIS LEGISLATIVE INVESTIGATING COMMISSION, 1976. Disponível em: <https://www.ojp.gov/pdffiles1/Digitization/46433NCJRS.pdf> Acesso em: 9 de Junho de 2022

Ku Klux Klan in Indiana, Indiana State Library. Disponível em: <https://indianamemory.contentdm.oclc.org/digital/collection/p16066coll69> Acesso em: 09 de junho de 2022;

MADIGAN, Tim. **The Burning: Massacre, Destruction, and the Tulsa Race Riot of 1921**. New York: Thomas Dunne Books, 2001.

MORRIS, Aldon; TREITLER, Vilna Bashi. **O Estado Racial da União: compreendendo raça e desigualdade racial nos Estados Unidos da América**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So103-49792019000100015 Acesso em 14 de março de 2020

PAYNE, Les; PAYNE, Tamara. **The Dead Are Arising: The Life of Malcolm X**. Liveright Publishing Corporation. 2020

SILVA, Daniel Neves. **“Crise de 1929”**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/crise29.htm>. Acesso em 19 de julho de 2022.